

INTERAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA: PECULIARIDADES DO CONCEITO HALLIWICK

DOI105902/0102830816205

Data de submissão: 19/11/2014

Data de aceite: 29/05/2015

Beatriz Dittrich Schmitt
Universidade Federal de Santa Catarina
beatriz_bds@hotmail.com

Giandra Anceski Bataglion
Universidade Federal de Santa Catarina
giandraanceski@gmail.com

Angela Teresinha Zuchetto
Universidade Federal de Santa Catarina
angela.zuchetto@cds.ufsc

John Peter Nasser
Universidade Federal de Santa Catarina
peter.nasser@ufsc.br

RESUMO

O objetivo desse estudo foi descrever as interações sociais de crianças com deficiência em aula utilizando Halliwick. Participaram cinco crianças (nadadores) e nove adultos (auxiliares). A aula foi filmada e as interações sociais foram categorizadas: nadador-nadador ou nadador-assistente. Ocorreram 26 interações entre nadador-nadador e 153 entre nadador-auxiliar. Houve maior quantidade de interações entre os nadadores e auxiliares devido a falta de independência das crianças na água e conseqüente necessidade de auxílio. Conclui-se que as características do conceito Halliwick influenciaram as interações uma vez que ele prevê constante contato entre os envolvidos permitindo o estabelecimento de vínculos de confiança e amizade.

Palavras-chave: Natação. Comportamento social. Relações interpessoais. Crianças com deficiência.

INTRODUÇÃO

A deficiência é um fenômeno complexo que reflete a interação entre as características do corpo de uma pessoa e as características da sociedade na qual ela vive. A Organização das Nações Unidas (1975) define pessoa com deficiência como "qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais". Estima-se que, no Brasil, há aproximadamente 46 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, que pode ser categorizada em: motora, intelectual, visual (cegueira e baixa visão) e/ou auditiva (total ou parcial) (IBGE, 2010).

É comumente relatada a dificuldade que as pessoas com deficiência possuem no que tange às relações sociais com seus pares sem deficiência (WARSCHAUSKY et al., 2003; LAW et al., 2006; MORRIS et al., 2006; CUNNINGHAM; WARSCHAUSKY; THOMAS; 2009; VOORMAN et al., 2010). Por isso, incentivar a participação de pessoas com deficiência em programas que promovam a prática de atividade física é de extrema importância, porque essas práticas proporcionam o bem-estar geral, possibilitam melhorias na independência física e na competência social (WILSON, 2002; WILBER et al., 2002; WEISS et al., 2003; RIMMER, 2005; HOHEPA; SCHOFIELD; KOLT, 2006; McGEE et al., 2006; BUFFART et al., 2009; SORSDAHL et al., 2010; WHITTINGHAM et al., 2010).

No que se refere a crianças¹ com deficiência, as relações sociais são importantes para o desenvolvimento global infantil. À medida que as crianças se envolvem com grupos, elas se relacionam com outras crianças e criam laços recíprocos de amizade (NANGLE et al., 2003). Frequentemente, a dificuldade nas relações interpessoais está associada ao grau de comprometimento motor ou intelectual (LAW et al., 2006; NADEAU; TESSIER; 2006; YEATES et al., 2007; ENKELAAR; KETELAAR; GORTER; 2008; CUNNINGHAM; WARSCHAUSKY; THOMAS, 2009; WHITTINGHAM et al., 2010). Neste sentido, as relações interpessoais atuam, de modo geral, como um construto psicológico que reflete múltiplas facetas do funcionamento cognitivo, emocional e comportamental.

¹ O Estatuto da Criança e do Adolescente considera criança todo indivíduo com 12 anos incompletos (BRASIL, 1990).

Trata-se, portanto, de um conjunto de comportamentos aprendidos no decurso das interações sociais², sobretudo, na interação com pares (CAMARGO; BOSA, 2009).

No âmbito educacional, a educação possui como finalidade o pleno desenvolvimento do aluno de modo a prepará-lo para o exercício da cidadania e qualificá-lo para o trabalho (BRASIL, 1996). Por se tratar de pleno desenvolvimento, os aspectos social, afetivo, cognitivo e motor dos alunos ficam em evidência. Especificamente na área de conhecimento da Educação Física, Adams e colaboradores (1985) propõem que os objetivos da educação física devem envolver o aspecto social³, emocional, interpretativo, orgânico e neuromuscular.

Nesse contexto, a Educação Física, pode se apropriar do conteúdo da natação para alcançar os objetivos propostos por Adams et al. (1985). E, assim, surge o conceito Halliwick como uma abordagem para ensinar todas as pessoas, em particular aquelas com dificuldades físicas e/ou de aprendizagem, a participar de atividades aquáticas, a se movimentar de forma independente na água e a nadar (IHA, 2010).

Esse conceito utiliza a evolução natural do desenvolvimento motor, de forma a atender a ordem sequencial de aquisição motora infantil (CHU; PAN, 2012). Seus principais objetivos são o controle da respiração e do equilíbrio e a liberdade de movimentos (IHA, 2010; GARCIA et al., 2012). Nesse conceito, os aprendizes da natação . nomeados de %nadadores+ . são ensinados a adquirir independência na água. Para tanto, dividem-se os nadadores, de acordo com suas habilidades aquáticas, em três níveis: 1º nível (Vermelho) - habilidades ligadas à adaptação ao meio líquido, independência e controle da respiração; 2º nível (Amarelo) - habilidades ligadas ao controle do equilíbrio e rotações do corpo em seus diversos eixos: transversal, sagital e longitudinal; 3º nível (Verde) - habilidades ligadas a movimentos, onde o nadador desloca-se na água em progressões simples e os nados adaptados (GARCIA et al., 2012).

Outra característica marcante relacionada ao conceito Halliwick é o Programa dos Dez Pontos, compreendido como um processo de aprendizagem estruturado de forma que o %nadador+, mesmo sem experiência prévia, progrida a independência na água controlando movimentos corporais, melhorando capacidades cardiorrespiratórias, equilíbrio e motricidade. Ato contínuo, o %nadador+ se torna mais confiante e participativo

² Interações sociais: todas as situações em que as atitudes dos integrantes do grupo se encontram entrelaçados de forma que influenciam fortemente as condutas que cada membro do grupo irá manifestar (PÉREZ; BELLO, 2001).

³ Aspecto social envolve: ajustamento do indivíduo ou do grupo por meio da integração do indivíduo na sociedade e em seu ambiente; habilidade de fazer julgamentos numa situação grupal; aprendizado na comunicação com outras pessoas; habilidade de avaliar e trocar ideias dentro de um grupo; desenvolvimento de uma fase social da personalidade, atitudes e valores de modo a tornar-se um membro funcional da sociedade; desenvolvimento de características positivas da personalidade; desenvolvimento de uma atitude que reflita bom caráter moral (ADAMS et al., 1985).

no que tange aos aspectos sociais e físicos (GARCIA et al., 2012). Atenta-se para o fato de que possuir independência é importante para aprender a nadar, mas também pode possibilitar a inclusão social por meio de atividades aquáticas.

Para o ensino da natação fundamentado no conceito Halliwick, o trabalho em grupo se constitui como fundamental para o processo de aprendizagem, da mesma forma que a relação entre os professores e os alunos, pois possibilitam que os nadadores tenham a oportunidade de interagir uns com os outros e, assim, sintam-se motivados a aprender, a se comunicar e a socializar (IHA, 2010; GOMIDE NETO et al., 2011).

Com base no exposto acima, o objetivo dessa pesquisa foi analisar as interações sociais de crianças com deficiência em uma aula, a partir do conceito Halliwick.

METODOLOGIA

Tipo do estudo

Esta pesquisa, realizada a partir de uma investigação de campo, configura-se como descritiva, com abordagem qualitativa que, por sua vez, se apropria de variáveis numéricas. A estratégia de pesquisa descritiva procura descrever as características de um objeto de estudo (GONÇALVES, 2007).

Esse estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos sob protocolo número 211/10.

Participantes

Os participantes foram cinco nadadores (crianças com deficiência), sendo dois do sexo masculino (40%) e três do sexo feminino (60%). A faixa etária dos participantes variou de 3 a 11 anos de idade (± 6 anos e 4 meses). Os nadadores apresentaram as seguintes deficiências: visual (n=2; 40%), física (n=2; 40%) e autismo (n=1; 20%) (Tabela 1). Todos os nadadores foram classificados no 1º nível (Vermelho) do Halliwick, porque apresentam habilidades relacionadas a adaptação ao meio líquido, independência e controle da respiração (GARCIA et al., 2012).

Em função de os nadadores não apresentarem independência no ambiente aquático, nove adultos acompanharam essas crianças durante a aula que se apropriou do conceito Halliwick.

A escolha dos participantes ocorreu por conveniência. Os nadadores foram convidados a participar, porque foram assíduos em aulas de Educação Física propostas em um Programa de Atividade Motora Adaptada durante o ano em que ocorreu essa pesquisa. Rotineiramente, ocorrem duas vezes por semana (segunda e quarta-feira), sendo em média 1 hora no solo e 1 hora na piscina.

Os adultos que participaram das aulas foram selecionados, porque previamente treinados com ênfase no conceito Halliwick, por uma profissional com titulação acadêmica de mestrado e experiência profissional nesse conceito e também porque atuaram anteriormente como auxiliares desses participantes nas aulas de Atividade Motora Adaptada com supervisão de uma profissional com titulação acadêmica de doutorado. Os adultos foram graduandos do curso de Licenciatura em Educação Física que, durante sua formação acadêmica, atuaram como bolsistas de extensão no Programa AMA.

Dos cinco nadadores, dois deles ingressaram no Programa em 2008 (nadador 3 e 4), um em 2009 (nadador 1) e dois em 2010 (nadador 2 e 5). Os adultos auxiliares iniciaram contato semanal com os nadadores, em média, um ano antes da coleta dos dados, aproximadamente. No entanto, os adultos se revezam para que aprendam a trabalhar com crianças com diferentes tipos de deficiência.

Tabela 1. Caracterização dos nadadores.

Nadador	Sexo	Idade (anos/meses)	Deficiência	Tipo
1	Feminino	3 anos 10 meses	Visual	Baixa Visão
2	Masculino	4 anos 8 meses	Visual	Cegueira
3	Feminino	6 anos 2 meses	Física	Paralisia Cerebral
4	Masculino	11 anos 11 meses	Física	Paralisia Cerebral
5	Feminino	9 anos 0 meses	Transtorno do espectro de autismo	Autismo

É oportuno especificar que os nadadores com deficiência visual (nadadores 1 e 2) apresentaram baixa visão profunda (acuidade visual < 3/60 a > 1/60) e cegueira total (não apresenta percepção de luz) (WHO, 2010).

A baixa visão se divide em três categorias distintas, de acordo com os valores de acuidade visual, a saber: moderada ($< 6/18$ a $> 6/60$), severa ($< 6/60$ a $> 3/60$) e profunda ($< 3/60$ a $> 1/60$). A baixa visão é definida como acuidade visual inferior a 6/18, ou seja, a pessoa consegue enxergar a uma distância de 6 pés, enquanto uma pessoa com visão normal enxerga a 18 pés, aproximadamente 5 metros. Pode também apresentar visão igual ou superior a 3/60, que corresponde a uma distância de 3 pés, enquanto um indivíduo com visão normal enxerga a 60 pés, aproximadamente 18 metros; ou um campo visual correspondente a menos de 20 graus no melhor olho e com a melhor correção possível (RESNIKOFF et al., 2004).

A cegueira se divide em duas categorias, sendo quase total ($< 1/50$ com percepção de luz) e total (sem percepção de luz) (WHO, 2010). A cegueira é definida como a acuidade visual menor que 3/60 (enxerga a 3 pés o que um indivíduo com visão normal enxerga a uma distância de 60 pés); ou uma perda no campo visual correspondente a menos de 10 graus no melhor olho e com a melhor correção possível. Isso quer dizer que uma pessoa com deficiência visual que apresente acuidade visual 3/60 enxerga apenas a 3 pés (aproximadamente 1 metro).

Os nadadores que apresentaram deficiência física (paralisia cerebral) foram classificados em nível III (nadador 3) e nível V (nadador 4), de acordo com o Sistema de Classificação da Função Motora Grossa para Paralisia Cerebral (GMFCS) (PALISANO et al., 1997). O GMFCS se fundamenta no movimento iniciado voluntariamente, sobretudo o sentar (controle de tronco) e o andar. O sistema de classificação varia de acordo com cinco níveis, os quais se diferenciam conforme as limitações funcionais, a necessidade de tecnologia assistiva, incluindo aparelhos auxiliares de locomoção (andadores, muletas, bengalas e cadeira de rodas) e, em menor grau, a qualidade de movimento. A idade também é um fator importante no que se refere à classificação funcional (PALISANO et al., 1997).

Na faixa etária de 6 a 12 anos de idade, no nível III, as crianças andam em espaços internos e externos sobre superfícies regulares com uso de aparelhos auxiliares de locomoção; podem subir escadas segurando-se em corrimões; e, a depender da função dos membros superiores, podem manejar uma cadeira de rodas manualmente ou podem ser transportadas quando percorrem longas distâncias ou terrenos irregulares. No nível V, as deficiências físicas restringem o controle voluntário de movimento e a capacidade para manter posturas antigravitacionais de cabeça e tronco, sendo que todas as áreas de função motora estão limitadas; as limitações funcionais no sentar e ficar em

pé não são completamente compensadas por meio do uso de adaptações e tecnologia assistiva. No nível V, as crianças não mostram sinais de locomoção independente e são transportadas, ainda que algumas alcancem a autolocomoção usando cadeira de rodas motorizada com extensas adaptações (PALISANO et al., 1997).

Procedimentos para coleta dos dados

Inicialmente, essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

As crianças vinculadas a um Programa de Atividade Motora Adaptada com frequência equivalente ou superior a 80% nas aulas ao longo do semestre foram convidadas a participar desse estudo. Os pais receberam esclarecimentos a respeito do objetivo do estudo e foram convidados a autorizar a participação de seus filhos mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Previamente à coleta de dados, uma aula foi planejada com base no conceito Halliwick por uma profissional com experiências anteriores no conceito e mestra em Educação Física. Essa mesma profissional treinou os adultos participantes a atuarem com o conceito Halliwick.

A aula ocorreu em uma piscina adaptada, à qual todos os participantes já estavam familiarizados. O tempo de duração da aula foi de 40 minutos.

A aula ministrada foi filmada por uma câmera filmadora Sony® acoplada a um tripé com 1 metro de altura em relação ao solo. Após o término da aula, a filmagem foi inserida em um computador de forma a possibilitar a coleta dos dados. Para a coleta dos dados, recorreu-se ao método %registro cursivo+, onde se descreve, a cada minuto da aula, todas as ocorrências, inclusive os diálogos (ZUCHETTO, 2008). Foram feitos cinco registro cursivos, sendo um registro para cada criança.

Procedimentos para análise dos dados

A filmagem da aula foi utilizada para a coleta dos dados e possibilitou que as interações sociais entre os nadadores (crianças com deficiência) e auxiliares (adultos) fossem avaliadas.

Foi utilizada uma matriz de análise denominada Sociograma. Trata-se de técnica que concentra sua atenção para determinar as preferências dos indivíduos diante de

diversos estímulos (pessoas) que formam parte do grupo (PÉREZ; BELLO, 2001). Para Pérez e Bello (2001), o Sociograma oferece a radiografia socioafetiva do grupo, que deverá ser interpretada posteriormente.

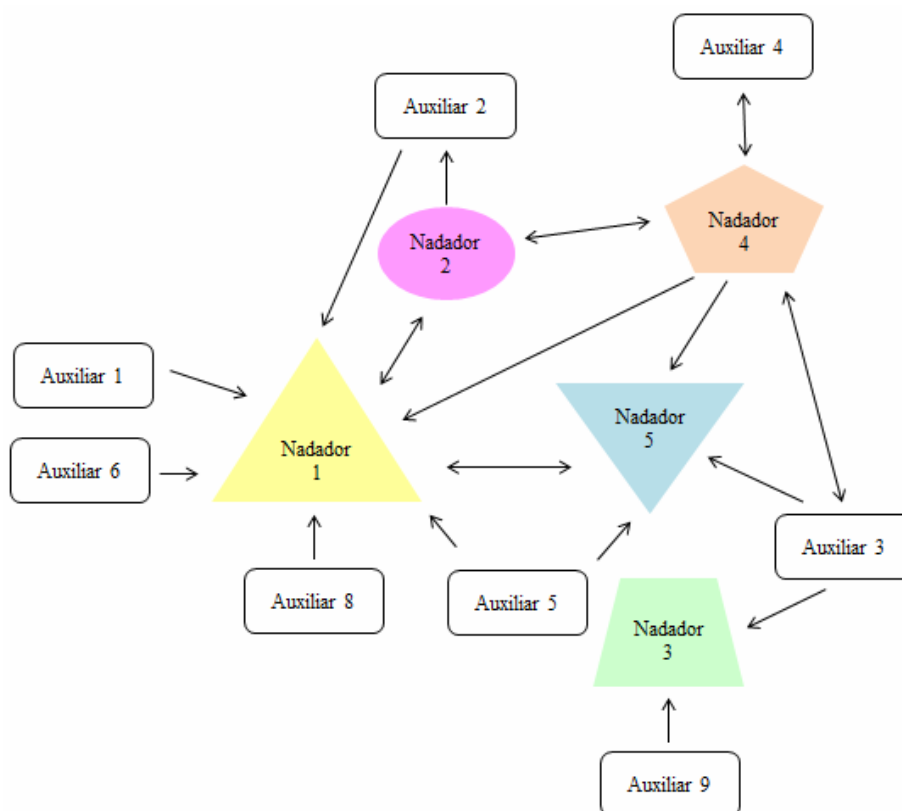
Essa ferramenta metodológica apresenta todas as interações sociais entre os participantes da aula (nadadores, auxiliares e o professor) e possibilita identificar a quantidade de interações sociais e também a sua finalidade. As interações sociais, na presente pesquisa, foram categorizadas de duas maneiras, de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2. Categorias das interações sociais.

Categorias	Conceito
Nadador-Nadador	Nadadores interagem socialmente com outros nadadores.
Nadador-Auxiliar	Nadadores interagem socialmente com auxiliares (adultos).

Apresenta-se, na Figura 1, o modelo de estrutura das interações sociais (adaptado de PÉREZ e BELLO, 2001). De acordo com a direção das interações sociais, os nadadores podem procurar por outros nadadores ou auxiliares, da mesma forma que os nadadores podem ser procurados por outros nadadores ou por auxiliares.

Figura 1. Estrutura das interações sociais.



Referência: Adaptado de Pérez e Bello (2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, faz-se necessário ressaltar que, para analisar as interações sociais das crianças com deficiência a partir do conceito Halliwick, levou-se em consideração que estes participantes não apresentavam independência no meio aquático. Essa informação é importante para os resultados do estudo por ter influenciado a quantidade e as formas de interação entre nadador-nadador ou nadador-auxiliar. Cabe também destacar que, durante a aula, todos os envolvidos possuem seu momento de protagonismo, no qual são estimuladas as interações com pares e/ou com os adultos, sendo estas últimas mais frequentes diante do constante contato para explicação e auxílio.

Sendo assim, a quantidade total de interações sociais que ocorreram nessa aula foi 179. Na categoria nadador-nadador ocorreram 26 interações sociais (14,5%) e na categoria nadador-auxiliar ocorreram 153 interações sociais (85,5%). Percebe-se que há predomínio de interações sociais entre nadadores e auxiliares, sendo considerado um aspecto positivo e fundamental para o sucesso da aplicação do conceito Halliwick.

O trabalho em grupos oferece ao nadador a possibilidade de aumentar o aprendizado, pois motiva e oportuniza o aprender uns com os outros, melhorando a comunicação e a socialização (GARCIA et al., 2012). Para Camargo e Bosa (2009), enquanto interagem com os adultos e com seus pares, as crianças procuram atribuir sentido ao mundo em que vivem. As autoras salientam que isso é fundamental para a criança, porquanto lhe permite apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que a rodeia.

As atividades na água se caracterizam por serem individualizadas e, em consequência, a maior parte das interações sociais ocorreu entre os nadadores e os auxiliares que os acompanharam. Os auxiliares interagiram muitas vezes com os nadadores para o fornecimento de auxílios necessários. Salienta-se a importância da realização do trabalho em grupo para os praticantes da natação aprenderem a partir da motivação que uns provocam nos outros (GARCIA et al., 2012). Similar ao estudo de Chu e Pan (2012), nessa pesquisa, os nadadores foram estimulados a estabelecer relações sociais com os auxiliares que os instruíram nas aulas no intuito de fazer com que eles desenvolvessem e aprimorassem este aspecto considerado elementar para as crianças. Para além disso, pode-se dizer que, ao participarem de aulas de natação por meio do conceito Halliwick e em frequência semanal, o aspecto social poderá ajudar as crianças

com deficiência a adquirir maior independência na água, pois, à medida que as aulas passam, as crianças obtêm maior intimidade e confiança com os auxiliares, se sentindo mais à vontade para demonstrar e/ou falar sobre suas necessidades e/ou receios quanto ao ambiente aquático.

Quanto às interações estabelecidas entre os nadadores e os seus pares com deficiência, destaca-se que o próprio conceito Halliwick as favorece, pois faz com que os auxiliares ajudem as crianças e, quando necessário, forneçam apoios no tronco, antebraço ou mão, variando conforme a aptidão do nadador. Esses tipos de apoios fazem com que o nadador ganhe confiança e aos poucos se desligue do seu auxiliar. Sendo assim, é possível que tenha mais autonomia e independência para se relacionar com os colegas. Essa pesquisa atendeu à sugestão de Chu e Pan (2012), porque permitiu que os nadadores fossem ensinados a criar vínculos com seus auxiliares favorecendo a independência dos próprios nadadores.

Na aula, os nadadores foram posicionados uns de frente para os outros ou em círculos, de modo que pudessem se olhar e interagir. Após o professor explicar a atividade, o nadador-auxiliar de cada criança disponibilizava instruções verbais de acordo com as necessidades individuais. Além disso, instruções por meio do contato físico eram oferecidas para melhor explicar a tarefa e auxiliar as crianças. O nadador 1 (baixa visão profunda) conseguia enxergar pessoas e objetos localizados em distâncias próximas, sendo necessário deixá-lo próximo de seus pares. Ademais, a utilização de toucas, maiôs e objetos com alto contraste branco e preto ou preto e amarelo favoreceram sua visão residual. Já o nadador 2 (deficiência visual do tipo cegueira), por exemplo, necessitou de instruções verbais para ser informado a respeito dos eventos que ocorressem ao seu redor e também necessitou de auxílio físico durante toda a aula.

É válido acrescentar que os nadadores presentes na aula não apresentaram independência no ambiente aquático em razão da faixa etária (três deles com idades entre 3 a 6 anos) ou da deficiência (visual, física ou autismo).

A interação social partiu dos nadadores em direção aos seus pares ou em direção aos auxiliares (procurou) ou, então, dos auxiliares ou dos pares em direção ao nadador (foi procurado). Apresenta-se, na Figura 2, o detalhamento das interações ocorridas na aula a partir das categorias (nadador- nadador e nadador-auxiliar) e conceitos (procurou e foi procurado).

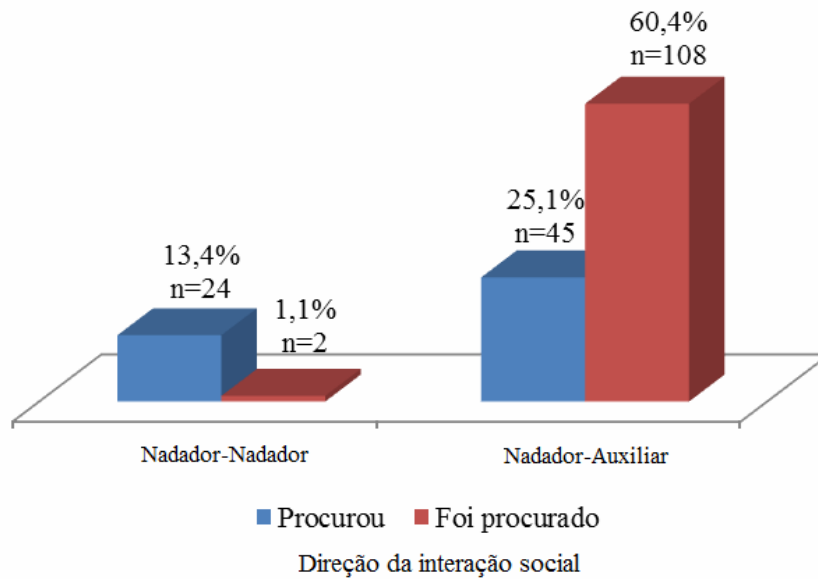


Figura 2. Interação social nadador-nadador e nadador-auxiliar de acordo com a direção da interação (procurou ou foi procurado) na aula.

Legenda: Procurou . Quando o nadador ou o auxiliar inicia as interações sociais em direção a outros nadadores ou auxiliares; Foi procurado . Quando o nadador ou o auxiliar recebe uma interação social em sua direção por parte de outros nadadores ou auxiliares.

Ocorreram 26 interações sociais que ocorreram entre os nadadores, sendo possível caracterizá-las em procurou (n=24) e foi procurado (n=2).

Na Figura 3, detalha-se a direção das direções sociais de cada nadador. Observa-se que o nadador que mais procurou por seus pares com deficiência foi o nadador 4, que apresenta paralisia cerebral e a maior idade cronológica em comparação aos demais participantes. Esse mesmo nadador se sobressaiu na aula, porque também foi o mais procurado por outros nadadores e por auxiliares. E o nadador 2 (deficiência visual do tipo cegueira) se destacou negativamente por não procurar e nem ser procurado por nadadores ou auxiliares presentes na aula. Ressalta-se que os nadadores 1 (baixa visão), 3 (paralisia cerebral) e 5 (autismo) iniciaram interações sociais em direção a outros nadadores e auxiliares, mas não foram procurados em nenhum momento da aula por eles (Figura 3).

Em outro nível, a criança com autismo pode aceitar passivamente a interação, mas raramente a procura, enquanto em um funcionamento mais alto é possível que a criança se interesse pela procura, mas o faz de modo bizarro (KLIN, 2006). Por isso, é necessário

estimular suas capacidades interativas, minimizando o isolamento contínuo. Para tanto, o Halliwick é um método adequado.

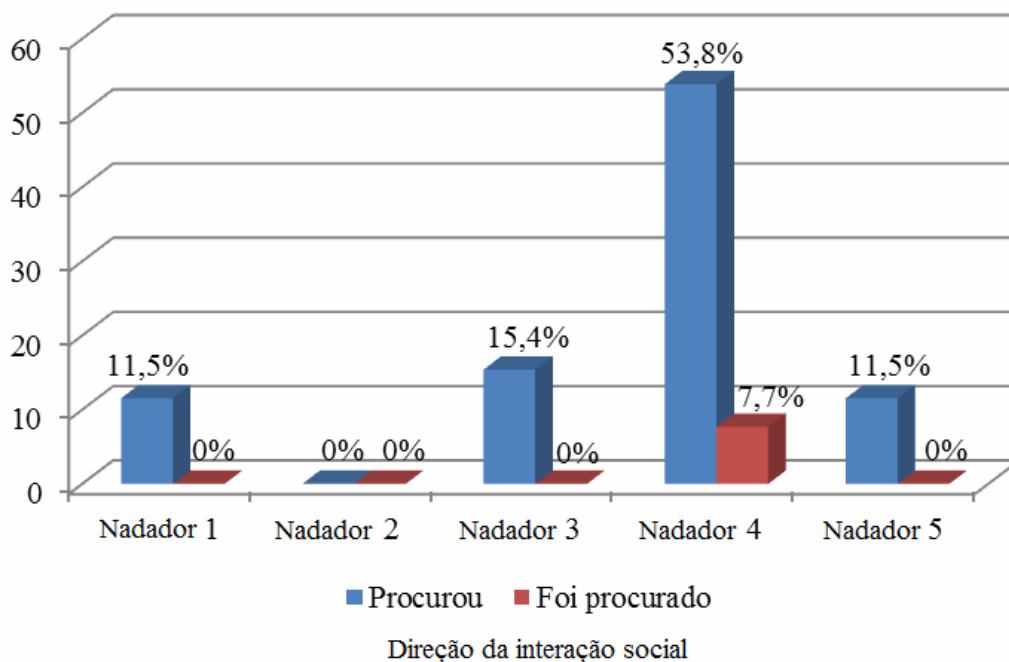


Figura 3. Direção das interações sociais de cada criança com deficiência.

Legenda: Procurou . Quando um nadador inicia a interação social em direção a outro nadador; Foi Procurado . Quando um nadador recebe a interação social que foi iniciada por outro nadador.

CONCLUSÃO

Considerando o objetivo dessa pesquisa, foi possível analisar as interações sociais de crianças com deficiência em uma aula de educação física que se apropriou do conteúdo da natação por meio do conceito Halliwick.

Os resultados obtidos permitiram observar que os nadadores interagiram mais com os auxiliares do que com seus pares. Esse fato pode ser justificado pela ausência de independência dos nadadores no ambiente aquático, de modo que era necessário que os adultos fornecessem auxílio. Vale ressaltar que o fornecimento de auxílio, frequentemente, caracteriza uma forma de interação social, uma vez que o constante contato físico, visual e/ou verbal permite o estabelecimento de vínculos de confiança e amizade.

Acredita-se que as características do conceito Halliwick influenciaram nas interações entre nadadores e auxiliares. Afinal, um dos pressupostos teóricos desse conceito preconiza que as aulas de natação devem propor trabalho em grupos a fim de

oferecer aos nadadores a possibilidade de interagir uns com os outros, melhorando a comunicação e a socialização.

REFERÊNCIAS

ADAMS, R. C.; DANIEL, N. A.; Mc CUBBIN, J. A.; RULLMAN, L. **Jogos, esporte e exercícios para deficiente físico**. 3. ed. São Paulo: Manole, 1985.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BUFFART, L; VAN DER BERG-EMONS, R. J. VAN MEETEREN, J; STAM, H. J; ROEBROECK, M. E. Lifestyle, participation, and health-related quality of life in adolescents and young adults with myelomeningocele. **Developmental Medicine and Child Neurology**, v. 51, n. 11, p. 886-894, nov., 2009.

CAMARGO, S. P. H; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Revista Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte - MG, v. 21, n. 1, p. 65-74, jan./abril, 2009.

CHU, C; PAN, C. The effect of peer- and sibling-assisted aquatic program on interaction behaviors and aquatic skills of children with autism spectrum disorders and their peers/siblings. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 6, n. 03, p. 1211-1223, jul./set., 2012.

CUNNINGHAM, S. D; WARSCHAUSKY, S; THOMAS, P. D. Parenting and social functioning of children with and without cerebral palsy. **Rehabilitation Psychology**, Washington, v. 54, n. 01, p. 109-115, fev., 2009.

ENKELAAR, L; KETELAAR, M; GORTER, J. W. Association between motor and mental functioning in toddlers with cerebral palsy. **Developmental Neurorehabilitation**, v. 11, n. 04, p. 276-282, out., 2008.

GARCIA, M. K; JOARES, E. C; SILVA, M. A; BISSOLOTTI, R. R; OLIVEIRA, S; BATTISTELLA, L. R. Conceito Halliwick inclusão e participação através das atividades aquáticas funcionais. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 19, n. 03, p. 142-150, ago., 2012.

GOMIDE NETO, U; DENARI, F. E; STORCH, J. A; MAH, E; SANTOS, A. C. O método Halliwick para crianças com deficiência visual. **Anais do VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**, Londrina de 08 a 10 novembro de 2011, pg. 2814-2823.

GONÇALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 4. ed. São Paulo: Editora Alínea, 2007.

HOHEPA, M; SCHOFIELD G; KOLT, G. S. Physical activity: what do high school students think? **Journal of Adolescent Health**, v. 39, n. 03, p. 328-336, set., 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA . IBGE. Censo demográfico 2010: resultados preliminares do universo. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ap&tema=censodemog2010_defic >. Acesso em: 24 de março de 2014

INTERNATIONAL HALLIWICK ASSOCIATION. IHA, 2010.. Disponível em: < <http://www.halliwick.org.uk> > Acessado em 09 de setembro de 2014.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. s3-s11, 2006.

LAW, M.; KING, G; KING, K; KERTOY, M; HURLEY, P; ROSENBAUM, P; YOUNG, N; HANNA, S. Patterns of participation in recreational and leisure activities among children with complex physical disabilities. **Developmental Medicine and Child Neurology**, v. 48, n. 05, p. 337-342, mai., 2006.

McGEE, R. WILLIAMS, S; HOWDEN-CHAPMAN, P; MARTIN, J; KAWACHI, I. Participation in clubs and groups from childhood to adolescence and its effects on attachment and self-esteem. **Journal of Adolescence**, v. 29, n. 01, p. 1-17, fev., 2006.

MORRIS, C; KURINCZUK, J. J; FITZPATRICK, R; ROSENBAUM, P. L. Do the abilities of children with cerebral palsy explain their activities and participation? **Developmental Medicine and Child Neurology**, v. 48, n. 12, p. 954-961, dez., 2006.

NADEAU, L; TESSIER, R. Social adjustment of children with cerebral palsy in mainstream classes: peer perception. **Developmental Medicine and Child Neurology**, v. 48, n. 05, p. 331-336, mai., 2006.

NANGLE, D. W; ERDLEY, C. A; Newman, J. E; Mason, C. A; Carpenter, E. M. Popularity, friendship quantity, and friendship quality: interactive influences on children's loneliness and depression. **Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology**, v. 32, n. 04, p. 546-555, nov., 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Í Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes**, 1975.

PALISANO, R.; ROSENBAUM, P.; WALTER, S.; RUSSELL D.; WOOD, E.; GALUPPI, B. Development of the Gross Motor Function Classification System. **Developmental Medicine and Child Neurology**, v. 39, n. 04, p. 214-223, abril, 1997.

PÉREZ, A. R.; BELLO, D. M. **El sociograma: estudio de las relaciones informales em las organizaciones**. Madrid: Pirámide, 2001.

RESNIKOFF, S; PASCOLINI, D; ETYAL, D; KOCUR, I; PARARAJASEGARAM, R; POKHAREL, G. P; MARIOTTI, S. P. Global data on visual impairment in the year 2002. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 82, n. 11, nov., 2004.

RIMMER, J. H. Exercise and physical activity in persons aging with a physical disability. **Physical Medicine and Rehabilitation Clinics of North America**, v. 16, n. 01, p. 41-56, fev., 2005.

- SORSDAHL, A. B; MOE-NILSSEN, R; KAALE, H. K; RIEBER, J; STRAND, L. I. Change in basic motor abilities, quality of movement and everyday activities following intensive, goal-directed, activity-focused physiotherapy in a group setting for children with cerebral palsy. **BMC Pediatrics**, London, v. 10, n. 26, p.1-12, abr., 2010.
- VOORMAN, J. M; DALLMEIJER, A. J; VAN ECK, M; SCHUENGEL, C; BECHER, J. G. Social functioning and communication in children with cerebral palsy: association with disease characteristics and personal and environmental factors. **Developmental Medicine and Child Neurology**, v. 52, n. 05, p. 441-447, mai., 2010.
- WARSCHAUSKY, S; ARGENTO, A. G; HURVITZ, E; BERG, M. Neuropsychological status and social problem solving in children with congenital or acquired brain dysfunction. **Rehabilitation Psychology**, Washington, v. 48, n. 04, p. 250-254, nov., 2003.
- WEISS, J; DIAMOND, T; DEMARK, J; LOVALD, B. Involvement in Special Olympics and its relations to self-concept and actual competency in participants with developmental disabilities. **Research in Developmental Disabilities**, v. 24, n. 04, p. 281-305, jul., 2003.
- WHITTINGHAM, K; FAHEY, M; RAWICKI, B; BOYD, R. The relationship between motor abilities and early social development in a preschool cohort of children with cerebral palsy. **Research in Developmental Disabilities**, v. 31, n. 06, p. 1346. 1351, nov., 2010.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION . WHO. Global data on visual impairments. Geneva, Switzerland, 2010.
- WILBER, N; MITRA, M; WALKER, D. K; ALLEN, D; MEYERS, A. R; TUPPER, P. Disability as a public health issue: findings and reflections from the Massachusetts survey of secondary conditions. **Millbank Quarterly**, v. 80, n. 02, p. 393-421, jun., 2002.
- WILSON, P. E. Exercise and sports for children who have disabilities. **Physical Medicine and Rehabilitation Clinics of North America**, v. 13, n. 04, p. 907-923, nov., 2002.
- YEATES, K. O; BIGLER, E. D; DENNIS, M; GERHARDT, C. A; RUBIN, K. H; STANCIN, T; TAYLOR, H. G; VANNATTA, K. Social outcomes in childhood brain disorder: A heuristic integration of social neuroscience and developmental psychology. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 133, n. 03, p. 535-556, mai., 2007.
- ZUCHETTO, A. T. 2008. **A trajetória de Laila no AMA: Histórias entrelaçadas**. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente) Programa de Pós-graduação Saúde da Criança e do Adolescente, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2008.

SOCIAL INTERACTIONS OF CHILDREN WITH DISABILITIES: PECULIARITIES ABOUT THE CONCEPT HALLIWICK

Abstract

This study aimed describe the social interactions of children with disabilities in the classroom using Halliwick. Five children (swimmers) and nine adults (assistants) were participated. The class was filmed and thus the social interactions were categorized: swimmer-swimmer and swimmer-assistants. There were on average 26 swimmer-swimmer interactions and 153 swimmer-assist. There was a higher number of interactions between swimmers and auxiliary because they did not present independence in the water and need for assistance. It follows that the characteristics of the concept Halliwick influenced interactions since it provides constant contact between the involved allowing the establishment of trust and friendship ties.

Keywords: Swimming. Social Behavior. Interpersonal relations. Disabled children.

INTERACCIONES SOCIALES DE LOS NIÑOS CON DISCAPACIDAD: PECULIARIDADES DE EL CONCEPTO HALLIWICK

Resumén

El propósito fue describir las interacciones sociales de los niños con discapacidad en el aula utilizando Halliwick. Participó en cinco niños (nadadores) y nueve adultos (asistentes). La conferencia fue filmado y por lo tanto las interacciones sociales se clasificaron: nadador-nadador y nadador-asistente. Hubo un promedio de 26 interacciones nadador-nadador y 153 nadador-asistente. Hubo un mayor número de interacciones entre los nadadores y auxiliar porque necesitaban asistencia. De ello se desprende que las características del concepto Halliwick influenciados interacciones, ya que proporciona un contacto constante entre los involucrados que permite el establecimiento de lazos de confianza y amistad.

Palabras clave: Natación. Conducta Social. Relaciones interpersonales. Niños con discapacidad.